

DESENHO OU RABISCOS: uma maneira de aprender mais sobre o desenvolvimento infantil

Nilda Jaqueline Rodrigues de Oliveira¹
Gilvone Furtado Miguel²

Resumo: Este artigo tem como objetivo geral discutir a importância do reconhecimento e incentivo aos desenhos infantis como indispensável recurso nas diferentes áreas de desenvolvimento da criança. Embasou-se essa pesquisa em teóricos como: Greig (2004), Lowenfeld (2007), Luquet (2010), Pillar (2006), e outros na realização de um estudo bibliográfico, descritivo e com método qualitativo. A pesquisa proporcionou conhecimentos sobre cada fase de desenvolvimento das crianças em relação aos seus primeiros rabiscos que, paulatinamente, vão se transformando em desenhos e ganhando significados. O estudo apontou que o desenho é uma atividade motora espontânea, que contribui para a formação da personalidade, pois quando uma criança domina o movimento e controla o desenho, desenvolve seu psicológico, sua parte motora, a intelectual e a afetividade, assim como sua imaginação. O desenho constitui um processo através do qual a criança reúne diversos elementos de sua experiência para formar um conjunto com um novo significado de aprendizagem.

Palavras-chave: Desenho. Rabiscos. Criança. Desenvolvimento. Aprendizagem.

Abstract: This article has as a general objective the importance of recognizing and encouraging children's drawings in the different areas of child development. It was based on theories such as Greig (2004), Lowenfeld (2007), Luquet (2010), Pillar (2006), and others, who through a bibliographic, descriptive and qualitative study provided knowledge about each phase developed by children in relation to its first scribbles, which gradually becomes drawings and gaining meanings. The study pointed out that drawing is a spontaneous motor activity, which contributes to the formation of personality when a child dominates the movement and controls the drawing develops its psychological, motor, intellectual and affectivity, as well as its imagination, so they play vital role in the training of children. Drawing is a process through which the child gathers various elements of his experience to form a whole with a new meaning.

Keywords: Drawing. Scribbles. Kid. Development. Learning.

Introdução

O desenho constitui uma das mais importantes atividades espontâneas do ser humano, nos primeiros anos de vida que são, provavelmente, os mais cruciais no desenvolvimento de uma criança. Durante esse período, a criança começa a estabelecer padrões de aprendizagem, atitudes e, em certo sentido, manifesta interesse por tudo que dá cor à sua vida.

O desenho pode contribuir enormemente para esse desenvolvimento, uma vez que a aprendizagem ocorre na interação da criança com o meio ambiente. Greig (2004) considera que o desenho começa para a criança quando ela faz a primeira linha em um

¹Licenciatura Plena em Pedagogia, Pós-Graduada em Psicopedagogia, Mestranda em Educação- Unades (Paraguai)

²Doutora em Letras e Linguística/UFG (2007).

papel; afirma, também, que ela realmente começa muito antes, quando, por meio dos sentidos, realiza seu primeiro contato e reage a essas experiências sensoriais.

Ao tocar, sentir, manipular, ver, provar, ouvir, enfim, qualquer maneira de perceber e reagir ao ambiente, são uma base para produção de formas artísticas, quer ao nível de uma criança quer de um artista profissional. Lowenfeld (2007) coloca que embora a criança vocalize muito cedo, seu primeiro registro permanente, geralmente, toma a forma de um rabisco por volta dos dezoito meses. O primeiro traço é um passo muito importante no seu desenvolvimento, pois é o começo da expressão que não só levará ao desenho e à pintura, mas também à palavra escrita. A forma como estes primeiros traços são recebidos pode influenciar grandemente o seu desenvolvimento progressivo.

É lamentável que a palavra "rabisco", segundo Pillar (2006), tenha conotações negativas para os adultos. A palavra pode sugerir perda de tempo ou, pelo menos, falta de conteúdo. Na verdade, pode ser o oposto, porque a maneira pela qual esses primeiros traços são recebidos e a atenção dada a eles pode ser a causa da criança desenvolver atitudes que o marcarão quando começar sua vida na educação formal.

Estamos na sociedade em que predomina a imagem da comunicação visual, da revista ilustrada, da televisão e do cinema. O clima é favorável para o desenho e a expressão da fantasia da criança. Os primeiros anos de expressão pictórica de uma criança alcançam o nível de espontaneidade e oferecem um extenso e importante campo de manifestações internas. No desenho, como nos primeiros rabiscos, a criança e o homem manifestam sua própria realidade, isto é, eles interpretam de alguma forma o mundo em que vivem.

Para Luquet (2010), como todas as atividades humanas, o desenho registra um nascimento, uma evolução e um período de maturidade e fixação. A criança que recebe um lápis começa logo a desenhar rabiscos que não são apenas um exercício que lhe permite aperfeiçoar os movimentos da mão. Ao desenhar linhas e rabiscos que, às vezes, são considerados absurdos e impossíveis, a criança explica, numa linguagem ainda imperfeita, o que está fazendo e lhe atribui significado. A criança desenha uma casa, uma flor, um carro, etc., embora nenhum desses objetos apareça em suas linhas. Fase de desordem para a qual a fase da ordem vai lentamente acontecendo. As linhas não serão desenhadas aleatoriamente, mas começarão a seguir uma direção pré-estabelecida, a mão será mais habilidosa e mais obediente à ideia. Finalmente, os adultos começarão a descobrir, no caos de traços e cores, algum sinal que corresponde ao que a criança diz ou que quer fazer: um círculo mal fechado, dois pontos pretos, uma linha vertical e uma horizontal, esta será a primeira cabeça humana, símbolo universal.

Nesse sentido, a criança tem modos de ver e pensar que são seus e os expressam de uma maneira muito pessoal e eficaz através do desenho, dos primeiros rabiscos, embora não sejam suficientemente valorizados. Surge a pergunta-problema desse estudo: O desenho em sala de aula pode ser considerado um elemento que nunca pode faltar em um ambiente de Educação Infantil? Dessa forma devemos investigar as etapas que ocorrem na evolução do desenho infantil, que indicarão características importantes do desenvolvimento da criança.

Com base nesses apontamentos, o presente estudo discute a contribuição do desenho e dos rabiscos para o desenvolvimento integral da criança, pois, através destes, sua psicomotricidade é potencializada pelo movimento de seus dedos, fundamental para sua posterior aprendizagem da leitura e da escrita. Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo discutir a importância do reconhecimento e do incentivo aos desenhos infantis para o desenvolvimento da criança nas diferentes áreas. Um pequeno estímulo, feito pelos pais ou professores, desencadeia a expressão infantil das habilidades e das capacidades, fatores que representam o nível de desenvolvimento cognitivo e outros, essenciais em seu processo inicial de aprendizagem.

O valor do desenho

O desenho é considerado uma forma de expressão que começou a ser praticada desde os primórdios do ser humano, muito antes de ler ou escrever. Foi usado, por exemplo, para contar histórias, traçar as primeiras comunicações do homem, quando ainda este habitava as cavernas. Greig (2004) coloca que, numa breve análise das diferentes concepções e indagações sobre o desenho de crianças, as primeiras pesquisas surgiram por volta de 1880; observou-se que elas têm em comum a descoberta da origem ou evolução do desenho, bem como sua motivação e percurso psicológico. O autor destaca que essas investigações, como muitas realizadas, levaram o desenho à apresentação externa em seu resultado final, partindo das seguintes premissas: o desenho das crianças é o que permanece cristalizado em uma superfície e há uma coincidência entre o desenho e os motivos internos que levaram ao desenho infantil. A atividade gráfica das crianças tarefa holístico-expressiva que acompanha tanto o ato de rabiscar quanto, posteriormente, o ato de desenhar, de escrever, um jogo ou o ato de socialização: “ao mesmo tempo em que desenhavam, encenam, cantam, movem-se e tudo isso faz parte do próprio fato de desenhar ou rabiscar” (GREIG, 2004, p.54).

Nos inquéritos iniciais, colocados por Lima (2001), sobre desenhos infantis, duas questões foram levantadas pela autora: o que a infância dessas idades atrai? E o que a motiva a desenhar? As respostas variaram de acordo com as diferentes escolas psicológicas e pedagógicas, desde o final do século XIX até a atualidade. A autora destaca o ato psíquico inconsciente, a espontaneidade do desenvolvimento de tendências biológicas instintivas e a aspiração ao prazer. Para esta teórica, a expressão no desenho aparece na forma de símbolos, dados pelos impulsos inatos e subscientes. Essa abordagem tem tido grande importância até hoje, embasando a busca premente pela infância da humanidade e do indivíduo, graças à Psicologia e à Sociologia, entre outros.

Moreira (2004) explica uma tentativa de origem fisiológica, difundida no início do século XX, para explicar a natureza do desenho das crianças, em relação aos primeiros traços – posição foi assumida por W. Stern – ou como espontaneidade motora, revelada por P. Brisch. Dessa forma, nega-se a relação entre a assimilação da atividade com objetos e o desenvolvimento de diferentes configurações.

Moreira (2004) descreve as declarações de Karl e Charlotte Bühler sobre o desenho, em um momento em que muitos pesquisadores que os precederam, como Jean Sully, Conrad Lange e outros, voltaram sua atenção para a ideia de que o desenho, por natureza, tinha um caráter instintivo como o jogo. Karl e Charlotte se opuseram a essa ideia e propuseram o desenho como produto da atividade do intelecto infantil. Apesar disso, esses pesquisadores cederam à tentação de igualar essa atividade com o jogo:

[...] Essas concepções procuraram dar respostas corretas para a questão do que motiva as crianças a desenhar. A análise dessas concepções deixa claras as limitações, por procurara entender a verdadeira dimensão que o desenho desempenha no desenvolvimento infantil como tem sido demonstrado em várias investigações (MOREIRA, 2004, p. 45).

Ao mesmo tempo em que se tratava de resolver o problema do que motiva a criança a desenhar, pretendia-se esclarecer o que é que a atrai. As respostas foram diversas e contraditórias, mas muitas de interesse. Assim, Moreira (2004, p.55) acrescenta que “Stern apontou que a criança desenha o que sabe, representa o que pensa e sabe, e não o que vê”. Por outro lado, segundo o autor, P. Kerschensteiner afirmou que o que as crianças desenhavam suas representações sobre o assunto, parte de um ângulo

estreito da inteligência já formada, sem levar em conta as complexas mudanças funcionais e estruturais do pensamento das crianças e sua atividade plástica:

[...] O valor expressivo do desenho ou do rabisco depende do gesto gráfico, mesmo a um nível psicológico pode manifestar o temperamento da criança, suas reações tônicas emocionais, pelo menos no momento em que ele faz o desenho (MOREIRA, 2004, p.56).

Conforme o autor, o estudo do desenho é realizado através das características e a maioria dos autores se inspiram na grafologia, ciência que, não só estuda a forma das características, mas também outros fatores, como o espaço gráfico utilizado.

Desta forma, conforme Lowenfeld (2007), o desenho registra o estado emocional e mostra, por exemplo, o traço raivoso e agressivo naquele momento que pode atingir o limite de rasgar o papel ou a característica oscilante quase imperceptível. O autor afirma que há um paralelismo entre os primeiros rabiscos e os movimentos da escrita. Em outras palavras, haveria uma analogia entre o quadro espaço-temporal em que a criança executa seus primeiros traços e os espaços gráficos onde estão situados. Essas observações levaram o autor a uma concepção discutível do espaço em uma folha do desenho; propõe dividir a folha de desenho em três zonas horizontais e duas zonas verticais, a horizontal superior simboliza o ideal, a mediana o interesse usual, o mais baixo as pulsações iniciais, a faixa direito vertical representaria o futuro e deixaria o passado:

[...] O corte do espaço gráfico pelas formas tem sido objeto de estudos sérios realizados por dois autores americanos, Rose Alschuler e B. Weiss Hattwick. Eles tentaram comparar o estilo gráfico e a vida afetiva, observando os desenhos de um grande número de crianças, cuja personalidade havia sido estudada, cuidadosamente (LOWENFELD, 2007, p.87).

O autor explica que o desenho e os rabiscos trazem a marca da vida emocional da criança. Se considerarmos esses primeiros traços, o desenho como um todo, podemos dizer que ele reflete uma visão geral da personalidade. Para o autor, o estilo do desenho reflete hábitos motores, imitações, mas, para além dessas particularidades, eles expressam talvez uma dimensão bastante fundamental de cada um.

A importância da fase dos rabiscos

Através do desenho, conforme Luquet (2010), as crianças dizem muitas coisas sobre si mesmas. Para o autor, o papel rabiscado será seu primeiro grande trabalho, um novo meio de comunicação e expressão e, acima de tudo, uma nova linguagem. Além disso, o desenho será a maneira de saber o estado de espírito em que a criança se encontra, como ela se sente, pensa, quer, o que a preocupa, fazendo-a sentir-se triste ou feliz. Para Luquet (2010):

[...] os pais devem interessar pelos primeiros rabiscos, que seus filhos fazem. Porque devemos ter em mente que o desenho da criança estimula a criatividade, ajuda a criança a ter mais autoconfiança, para expressar seus sentimentos, para amadurecer psicologicamente e também pode desenvolver habilidades motoras finas, ou seja, aquilo que se relaciona com o movimento dos dedos, o que facilita os processos subsequentes de escrita (LUQUET, 2010, p.67).

O ato de rabiscar representa um passo muito importante no seu desenvolvimento, já que esta primeira linha que, a princípio, será involuntária e simplesmente o resultado de oferecer-lhes um papel e canetas, marcará o início da expressão que, progressivamente e depois de alguns anos, levará ao desenho e à palavra escrita.

Moreira (2004, p.58) chama atenção sobre esta fase, anotando que os pais devem procurar encontrar algo reconhecível nesses primeiros rabiscos, deixando os filhos sempre livre, não direcionando-os sobre o que desenhar ou o que copiar: “O importante será convidá-los a descobrir a magia por trás das pinturas coloridas e de uma folha em branco” (p.58), e serão eles que manipularão esses elementos criando seus primeiros rabiscos:

[...] Os rabiscos se constituem como parte do desenvolvimento infantil, da motricidade fina, da escrita, da representação do mundo, da confiança em si e da formação da personalidade. São considerados uma forma da criança de representar suas primeiras manifestações. São importantes na exploração do traçado, da criatividade e da expressão emocional (MOREIRA, 2004, p.61).

Para a autora, será importante que os pais, estejam interessados nos rabiscos que a criança desenha, procurando sempre motivar e questionando o que eles fazem ou pintam, o que representa. Nessa fase, a forma de elogiar e incentivar é muito importante, assim como verificar o sentido que pode trazer cada traçado, aquilo que representa o

que a criança está desenhando. Procurar compreender essa expressão, poderá auxiliar os pais a verem e perceberem o mundo através do olhar da criança. Conforme Simas (2011):

[...] Eles devem sentir que é um modo correto de comunicação e expressão. Porque para eles essa nova língua é importante, então, depois de fazer um desenho rabiscado, as crianças têm a percepção de que fizeram algo importante, e é por isso que orgulhosamente nos apresentam os primeiros golpes que tiraram (SIMAS, 2011, p.64).

De certa forma, segundo a autora, os rabiscos exercem uma poderosa forma de expressão, diversão, exploração e descoberta para os pequenos. Uma atividade que, pelo seu caráter individual, começa em idades muito precoces e passa por diferentes etapas gráficas ao longo dos anos. Às vezes, na ocasião de um erro ou improvisação, a criança encontra um novo significado em seu esquema habitual ou, de repente, descobre a possibilidade de representar um novo tipo de objeto.

Simas (2011) esclarece que os rabiscos são uma ferramenta muito útil na formação da criança, pois podem servir para conhecer a personalidade que vai se formando, o que pode ajudar a personalizar a aprendizagem e torná-la mais significativa:

[...] Cada criança tem seu próprio estilo. Portanto, não é apenas o nível de organização psíquica que se manifesta nos primeiros rabiscos, mas também a qualidade, a tonalidade, a dinâmica daquela organização individual. O interesse dos psicólogos é centrado aqui em capturar a personalidade global do indivíduo (SIMAS, 2011, p.64).

Essa atividade espontânea da criança, segundo a autora, desempenha um papel potencialmente vital na educação infantil. Desenhar, traçar, pintar ou construir é um processo complexo no qual a criança reúne diferentes elementos de sua experiência para formar um todo com um novo significado. Nesse processo de selecionar, interpretar e reformar esses elementos, a criança nos dá algo mais do que um desenho ou escultura; fornece-nos uma parte de si: como pensa, como sente e como vê.

De acordo com Simas (2011):

[...] aos poucos os pequenos traços vão sendo modificados, melhorados, aqueles simples rabiscos vão se ganhando novas formas,

tornando-se mais identificável e compreensível. São inúmeras as fases e, a cultura também influencia, e assim vão definindo e ficando mais compreensíveis (SIMAS, 2011, p.66).

Para a autora, tanto as meninas como os meninos vão adquirindo dentro do seu contexto experiências em seu ambiente. Simas (2011, p.67) acrescenta: “quanto pode aprender vendo essas listras! É simplesmente ouvir o que os autores desses trabalhos, querem nos dizer, não é apenas para ver, é para observar” (p.68).

Simas (2011) explica que, com cuidado, vai entendendo que esses pequenos traços vai somando para transformar a realidade; aprender com os pequeninos o que eles sabem e o que pensam, nessas idades, é entender o processo de criação para atingir um processo maior. Ser capaz de desenhar é um desafio para eles, porque são traços com pensamentos, às vezes, pensamentos complexos com aqueles que vivenciam suas emoções. Para o menino e a menina, o significado da arte não é o mesmo que para um adulto, é aí que pode haver uma discrepância porque os adultos esperam uma expressão artística muito semelhante à realidade, mas para as crianças, o pensamento é diferente. Assim será, pelos primeiros rabiscos, a sua forma para começar a expressar arte.

As fases do desenho em crianças

Embora cada criança, segundo Pillar (2006), tenha seu próprio tempo, acontece que, mais cedo ou mais tarde, os pais descobrem que estão passando por diferentes fases de conhecimento e desenvolvimento. No caso específico do desenho, estas fases são muitas vezes divididas: em estágio rabisco descontrolado, rabisco controlado e rabisco nomeado, que vão até três ou quatro anos de idade. A autora coloca que depois vêm os desenhos pré-esquemáticos, até os seis anos de idade, e depois, de 6 a 9, descobriremos o estágio do esquema, e depois, o estágio de reprodução fiel e representação espacial.

Pillar (2006) descreve que os rabiscos são descontrolados a princípio, ou seja, quando a criança começa a experimentar o desenho, seus rabiscos ficam descontrolados ou desordenados. São traços sem ordem ou sentido cruzando o papel, onde não há coordenação cérebro-olho-mão. Simplesmente a criança segurará o lápis da melhor maneira possível, sem controle visual sobre a mão, fazendo muita pressão, fazendo os movimentos movendo o braço do ombro e, às vezes, movendo todo o corpo. Será pouco a pouco que ela aprenderá a fazer o movimento a partir do cotovelo e depois do pulso e dos dedos.

Nesse estágio, Pillar (2006) coloca que a criança não pretende representar nada do que viu. Ele faz movimentos descontrolados simplesmente porque lhe dá prazer e gosta das sensações táteis e do movimento de arranhar um papel com uma caneta. Ela gosta de manipular e experimentar os materiais que recebe.

Lima (2001) explica sobre os rabiscos controlados. Essa fase passa a acontecer quando a criança está fazendo o desenho e se aperfeiçoando. E chega um momento em que ela descobre que há certa relação entre os movimentos que ele realiza e os traços que são capturados no papel. Segundo a autora, os que antes eram faixas desordenadas feitas sem qualquer controle, começam a tomar forma. Isso geralmente ocorre cerca de seis meses depois de ter começado a rabiscar e abrange aproximadamente até os três anos de idade. É um passo muito importante e uma experiência de vida para ela, porque descobre que tem um controle visual sobre as linhas que faz. Portanto, agora o desenho é para elas uma atividade muito estimulante, que realizam com grande entusiasmo e dedicação, porque estão conscientes de serem capazes de direcionar suas mãos para o lugar desejado. Além da coordenação visual e motora, agora haverá uma intenção representativa.

Por volta dos três anos, conforme Read (2001, p.98), o desenho aparece com formas reconhecíveis: “é quando a criança começa a dar nome aos seus *doodles*”. Essa fase dos *doodles*, como coloca o autor, vai surgindo com nomes. Será, então, quando, embora não possamos reconhecer ninguém, as crianças dirão: "Este sou eu no carro do avô" ou "São pai e mãe comigo no parque". Esse momento marca o começo de uma nova etapa de grande importância no desenvolvimento infantil porque, para a intenção representativa, é necessário conectar os rabiscos desenhados com o mundo que envolve a criança.

A observação feita por Read (2001) se complementa com os argumentos de que, ao desenhar, as crianças associam seus rabiscos com objetos da realidade aos quais dão seus nomes, as formas que desenham já estão fechadas e circulares, mais reconhecíveis, usam a cor com um critério expressivo, às vezes, anunciando o que vão desenhar antes para começar, concentrando e dedicando tempo ao desenho.

Recorremos a Piaget:

[...] Em qualquer um desses estágios de aprendizagem, desde a escrita descontrolada até a representação de formas reconhecíveis, nossa tarefa será sempre encorajar nossas crianças, sem questionar ou tentar

corrigir seus desenhos. O importante será estimulá-los, incentivá-los e facilitá-los a se expressarem com facilidade (PIAGET, 1976, p.65).

Por volta dos quatro anos de idade começa a fase do desenho pré-esquemático. Nesta fase, a teoria de Piaget (1976) se corrobora com a teoria de Luquet (1969), pois começam a aparecer as representações compreensíveis, os movimentos circulares e longitudinais evoluem dando origem a um conjunto definido de linhas que já representam algo definido. Piaget (1976) explica que essas formas são reconhecíveis e, geralmente, a primeira coisa que as crianças podem desenhar é uma figura humana, formada por um círculo para a cabeça e duas linhas verticais para as pernas.

O desenho na infância colabora, enquanto instrumento de apoio, para que pais e educadores, além de outros profissionais, possam definir a fase de desenvolvimento cognitivo-motor e sócio emocional em que se encontra a criança que o faz.

Considerações finais

Após exaustivas leituras a respeito da fase inicial do desenvolvimento dos rabiscos e desenhos apresentados pela criança, a maior conclusão que tiramos é que o desenho não é um mero passatempo, mas traz consigo muitos aspectos que têm relação direta com a criança em seu desenvolvimento.

Pelo embasamento oferecido pelos estudiosos pesquisados, pode-se compreender o valor dos primeiros rabiscos infantis, que vão se transformando em desenhos, expressando significados em cada fase da infância. A atividade do desenhar deve ser respeitada pelos adultos em seus diferentes significados, ressaltando que não devem buscar, inicialmente, a perfeição das imagens. Os adultos devem, também, aprender a se “comportar” em relação aos traços ou rabiscos que vão, gradativamente, se transformando em desenho pelas crianças, pois é importante nessa fase entender, essencialmente, o que elas querem dizer, nunca criticar as imagens e esforçar-se para compreender, tanto quanto possível, as explicações verbais formuladas pela criança.

Como resultado dessa pesquisa, apontamos que houve a compreensão de que, embora o desenho e sua evolução dependa muito da idade da criança e do contexto cultural a que pertence, tanto os pais como os professores deve levar em conta o processo do significado de cada traço, dos primeiros rabiscos que vão, paulatinamente,

se transformando e ganhando formas de desenho, e não apenas o resultado final, bem como ouvir as crianças para lhes dizer o significado de seus próprios desenhos e, assim, poder contextualizá-las e analisá-las com mais profundidade.

Finalmente, devemos acrescentar que os adultos, em geral, podem contribuir enormemente para o desenvolvimento das crianças, se lhes fornecerem os elementos apropriados; da mesma forma, não podem realizar a atividade de desenhar em lugar da criança. O que é fundamental, como resultado dessa pesquisa, reside no aprimoramento por parte dos professores e pais, no incentivo em expressar alegria e encanto diante dos resultados das artes das crianças, reconhecendo que não revelam só inocência, mas revelam crescimento.

Referências bibliográficas

GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens Geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LIMA, Elvira de Souza. **Como a criança pequena se desenvolve**. São Paulo: Sobradinho, 2001.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 2007.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou. 1970.

LUQUET, G.H. **O desenho infantil**. Porto: Livraria Civilização – Editora. 2010.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: A educação do educador**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MOREIRA, Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 13ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistemas de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins fontes, 2001.

SIMAS, Daiana Leão. **Riscos e rabiscos: a contribuição do desenho infantil para a alfabetização**. Salvador, 2011.